
REPÚBLICA, UNIVERSIDADE E ACADEMIA

Coordenação
Vitor Neto


ALMEDINA

REPÚBLICA, UNIVERSIDADE E ACADEMIA

COORDENAÇÃO
Vítor Neto

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Marlene Taveira

EDITOR
EDIÇÕES ALMEDINA, SA
Rua Fernandes Tomás n.ºs 76, 78, 80
3000-167 Coimbra
Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almedina.net · editora@almedina.net

PRÉ-IMPRESSÃO | IMPRESSÃO | ACABAMENTO
G.-C. GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.
Palheira – Assafarge
3001-453 Coimbra
producao@graficadecoimbra.pt

Capa: Lápide comemorativa da República – 1927
Escultor: Costa Motta Sobrinho – Propriedade da Reitoria da Universidade de Coimbra
Fotografia: Alexandre Ramires
Autoria da capa: Gonçalo Luciano

Março, 2012

DEPÓSITO LEGAL
341853/12

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação
são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer
processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita
e passível de procedimento judicial contra o infractor.

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

COLÓQUIO INTERNACIONAL REPÚBLICA, UNIVERSIDADE
E ACADEMIA, Coimbra, 2010

República, Universidade e Academia : actas / Colóquio
Internacional República... ; coord. Vítor Neto
ISBN 978-972-40-4734-8

I – NETO, Vitor

CDU 94(469)“191/194”
378
323

Organização:



Apoios:



Índice

Vítor Neto <i>Nota Introdutória</i>	11
MOVIMENTOS REPUBLICANOS E UNIVERSIDADE	
Luís Reis Torgal <i>António José de Almeida, a Universidade e a Reforma Republicana do Ensino</i>	17
Jaume Claret Miranda <i>El Sueño de una Universidad Republicana, 1931-1939</i>	53
Manuel Augusto Rodrigues <i>A República e a Universidade de Coimbra</i>	63
Fernando de Almeida Catroga <i>A Universidade Portuguesa e as Universidades Europeias</i>	91
Angelo Brigato Ésther <i>A Universidade Brasileira: Tensões, Contradições e Perspectivas em sua Trajetória</i>	165
Christophe Charle <i>Le Project Universitaire de la Troisième République et ses Limites, Science, Démocratie et Elites</i>	183
Ernesto Castro Leal e Noémia Malva Novais <i>Ideias Políticas, Formas Organizativas e Lutas Studentis Universitárias: Marcos de um Itinerário (1918-1926)</i>	209

Maria Manuela Tavares Ribeiro
A Academia de Coimbra – Revolução e República..... 237

Isabel Pérez-Villanueva Tovar
La Ciudad Universitaria de Madrid, de la Monarquía a la República 251

CIÊNCIA E MOVIMENTOS CIENTÍFICOS

Rui Manuel de Figueiredo Marcos
A Reforma dos Estudos Jurídicos de 1911
Coordenadas Científicas e Pedagógicas 275

Maria de Fátima Nunes
Cientistas em Acção:
Congressos, Práticas Culturais e Científicas (1910-1940)..... 291

João Paulo Avelãs Nunes
Ciência e Ideologia: a História na FLUC de 1911 a 1933..... 313

José Morgado Pereira
A Recepção das Correntes Psiquiátricas Durante a Primeira República 339

Alfredo Mota
A Medicina na República..... 347

Luciano Casali
L'Università Italiana dal Fascismo alla Repubblica.
Tentativi di Rinnovamento e Sostanziale Continuità 353

PROFESSORES E ESTUDANTES

Vítor Neto
Afonso Costa: o Republicanismo e os Socialismos 367

Manuel Carvalho Prata
A Universidade de Coimbra e os seus Professores
na Literatura Memorialista Estudantil (1880-1926)..... 379

Alexandre Ramires
A Imagem Fotográfica de Professores e Estudantes Republicanos
da Universidade de Coimbra..... 399

Nuno Rosmaninho
Historiadores de Arte na Universidade Republicana..... 413

António Gomes Ferreira e Luís Mota
Formar Professores Para Cumprir a Educação na República.
A Ideologia e a Acção Política 429

J. Romero Magalhães
Leonardo Coimbra e a Criação Política da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto..... 457

Salomé Marivoet
Educação Física, Ginástica e Desportos na Primeira República 471

RESUMOS 493

Maria de Fátima Nunes

**Cientistas em Acção: Congressos,
Práticas Culturais e Científicas (1910-1940)**

1. História da Ciência – História da Cultura Científica

No âmbito da investigação do CEHFCi – Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência – a temática do público entendimento da ciência na sociedade tem sido objecto de investigação articulada por parte dos investigadores que trabalham história da ciência em Portugal no século XX, numa perspectiva de intercâmbio de conhecimentos. Neste contexto foi surgindo como temática relevante para a renovação da historiografia portuguesa o tema *Congressos Científicos Internacionais em Portugal*, numa dupla perspectiva. Uma, a realização destes encontros em Portugal; outra, a concomitante relação da participação dos membros da comunidade científica portuguesa – rostos personalizados das instituições científicas e culturais existentes – nos périplos temáticos dos congressos internacionais, especialmente na Europa, mas também na América do Sul e nos Estados Unidos¹.

Ponto de partida fundamental foi o levantamento de notícias científicas que se encontram registadas no jornal diário informativo *O Século*, reflexo de várias perspectivas relacionadas com a divulgação dos acontecimentos de cultura científica nacional e internacional. Um conjunto que nos permite a construção de uma hipótese mais vasta de investigação. Perspectivando a realidade da ciência em Portugal, na transição da República para o Estado Novo, num contexto internacional e de trocas de práticas científicas, considerámos que o tema *Congressos Internacionais* pode ser um território de reflexão e de investigação interdisciplinar inovador.

O último quartel do século XIX foi marcado pelo cientismo, pelo triunfo do progresso que em conjunto inspiraram um conjunto de actividades internacionais, regulares, que geograficamente se deslocavam entre

¹ Nesta dinâmica de trabalho encontram-se Augusto Fitas, Emília Gomes, Margaret Lopes e, recentemente, Quintino Lopes, doutorando do programa de História e Filosofia da Ciência. Este texto só foi possível graças aos seus contributos e aos pontos de situação que vamos realizando no âmbito do CEHFCi. Agradecemos à Margaret Lopes e à Madalena Esperança Pina o facto de nos terem facultado o *paper* «Género e Internacionalismo: congressos científicos, congressos feministas na primeira metade do século XX» – *VIII Congresso Ibero-Americano de C&T Género*, Brasil, Curitiba, Abril 2010. Um contributo de debate para a abertura de alguma das linhas de investigação aqui levantadas. Neste contexto devemos referenciar, igualmente, o *paper* de Emília Gomes, Augusto Fitas, Fátima Nunes intitulado «Cientistas em acção no jornal *O Século* (1926-1940). Imagens públicas da ciência no dealbar do Estado Novo», apresentado no *Congresso Internacional Representações da República*, CHC-UNL, Abril 2010.

continentes da civilização ocidental. Falamos das Exposições Universais e Internacionais².

Nesta cartografia, os conceitos de progresso, de ciência e de desenvolvimento tecnológico sempre estiveram presentes, sobretudo através das representações oficiais dos pavilhões de cada Estado Nação; gramática que se manteve até aos dias de hoje: Expo Xangai 2010! Estas festas internacionais – propiciadoras de vários caminhos de análise – possibilitam entender a construção de redes de contacto e de trocas de saberes, de conhecimentos, de tecnologias, facilitando o entendimento do esboçar da globalização. Os Estados – nomeadamente Portugal – organizaram pavilhões, encomendaram relatórios científicos para serem apresentados no âmbito do tempo festivo das Exposições³. É neste jogo de referências que se encontra uma ponte para ligar o estudo da história da ciência e o da cultura científica em Portugal, numa perspectiva transnacional.

O jornalismo de divulgação cultural e científico, assim como a imprensa científica especializada, transmitem ecos importantes da participação nacional nestas realizações internacionais. Nas suas páginas encontramos abundante informação, nomeadamente da representação de membros da comunidade científica portuguesa, com a respectiva afiliação científica: as sociedades e academias nacionais, e internacionais, a que pertencem no momento da presença do evento expositivo.

Estamos em crer que a imagem pública da ciência – e o papel que o Estado Nação teve sobre a prática e a comunicação da ciência e da tecnologia – pode ser estudada quer a partir do eixo temático das exposições, mas também a partir da realização de congressos científicos internacionais em –

² Lembrar o surto de edições comemorativas que a organização de edições Expo'98 fez aparecer a público, em 1994, reconstruindo a memória das Exposições Universais em que Portugal tomou parte desde a de Londres, em 1851. Para uma visão sobre a importância destes eventos na civilização ocidental ver Nunes 1999 e Pesavento 1997. A dissertação de doutoramento em História, de José Luís Assis, *Ciência e Técnica na Imprensa Militar em Portugal (1850-1918)*, realizada no âmbito da investigação do CEHFCi, sob orientação de Maria de Fátima Nunes (Évora, Junho 2010), traz resultados interessantes neste domínio da presença oficial portuguesa nas Exposições Internacionais e Universais e dos relatórios de Estado elaborados para estas festividades científicas e técnicas.

³ Para esta magnificência de Progresso e nacionalismo nas exposições ver Nunes 1999 (Maria Helena Souto tem cruzado a perspectiva da arte com as representações da tecnologia) e também Silva 2000, com uma abordagem teórica centrada na retórica do progresso presente nas Exposições dos anos trinta do século XX.

Portugal, tendo como antecedentes a presença individual e, a comunidade científica portuguesa em realizações congêneres no estrangeiro.

Deste modo, pretendemos também inserir o tópico de desafiar o mito historiográfico de centro-periferia do final do século XX⁴. Consideramos que os congressos científicos podem ser um excelente campo para ir em busca de outras formas de olhar a relação entre diferentes espaços de comunicabilidade e de trocas de conhecimentos e de relações inter-culturais e científicas no Mundo em mudança do final do século XIX para o *Século dos Extremos*, no dizer de Eric Hobsbawm.

2. Cientistas em Acção

Realizar a *arqueologia das palavras e das ideias* de um congresso científico implica entender as redes de contactos existentes por parte dos organizadores, a par das suas relações com instituições científicas, nacionais e internacionais.

Cada congresso tem sempre um programa estruturado – com os respectivos *comptes rendus* – acompanhado de um amplo corolário de actividades culturais, sociais, políticas e de um capital simbólico que se projecta para um universo informativo, especializado e genérico⁵. A realização de congressos científicos internacionais realizados em Portugal – metropolitano ou colonial – pode assumir um significado de relevância política e ideológica quer para a configuração do Estado, quer para a comunidade científica que foi capaz de negociar redes de contacto para viabilizar a realização científica, extraordinária, para o espaço nacional. Este movimento de captar congressos pode ser equacionado como um sintoma da existência de redes científicas entre Portugal, a Europa e a América, na

⁴ Tenha-se em conta a produção de Basalla 1968 e 1988: dividindo o mundo em centro-periferia na produção e difusão da ciência. Aspecto que a historiografia latino-americana de história da ciência tem vindo a debater e a recusar como modelo de arrumação da geografia do saber científico e que hoje a Europa do Sul ameaça também refutar este modelo de territórios de margens científicas.

⁵ Para o nosso estudo exploratório tomámos como estudo de caso o *XV Congresso Internacional de Medicina*, Lisboa, 1906; o *Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*, Luanda, 1923; o *III Congresso Internacional de História da Ciência*, Porto, Coimbra, Lisboa, 1934. Ver nas referências bibliográficas o material usado para este artigo.

viragem do final do século XIX para o século XX, no contexto do republicanismo. Assim, as trocas de conhecimentos são feitas entre várias comunidades de diferentes continentes, e não apenas no simplismo de determinismo histórico da Europa do Norte que supervisiona cientificamente a Europa do Sul, a tradicional Europa das margens, sem ciência, sem instituições ou organizações científicas. Pelo contrário, pretendemos ver nesta afirmação organizativa de grandes acontecimentos de trocas de ideias, de debates científicos, de cosmopolitismo cultural, social e humano uma prática cultural e científica de grande impacto, interno e externo. Um corolário normal para universos científicos que casavam habilmente Nação e Ciência, num tempo de afirmação nacional e patriótica no contexto da categoria de ciência mundo⁶.

Julgamos ser pertinente ter em conta a geografia institucional dos membros da nossa comunidade científica: Lisboa, Porto e Coimbra, em diferentes configurações, conforme olhamos o tempo antes ou depois da República. Mas, a trilogia das cidades que protagonizam a sede das redes de trocas de conhecimentos são um dos dados de longa duração da história da ciência do Portugal Contemporâneo. À Universidade de Coimbra – produto da reforma pombalina de 1772 – juntavam-se vários gabinetes, institutos, periódicos científicos e espaços de laboratório e de saber produção de saber científico. Digamos que Coimbra, sob o ponto de vista científico, vivia entre o tempo marcado pela Torre sineira, O Instituto, o Jardim Botânico e os Observatórios⁷.

Lisboa, detinha desde a prática das luzes a Academia Real das Ciências de Lisboa (1779); do tempo do setembrismo de 1836-1837 data a Escola Politécnica e a reforma da Escola Médico-Cirúrgica, instituições que foram permanecendo e convivendo com os Estabelecimentos de Ensino Militar, uma rede de Hospitais, Sociedades Científicas variadas, Institutos Superiores de Ensino, o Real Instituto Bacteriológico e ainda a Sociedade de Geografia de Lisboa (1875), esta última verdadeira placa giratória de sociabilidades científicas, ideológicas e políticas, em prol do ideal do patriotismo ultramarino, científico, positivista e também republicano.

A cidade do Porto como símbolos da sua actividade científica o Laboratório Municipal, a Academia Politécnica do Porto, os Hospitais e a Escola

⁶ Ver número temático da revista *Ostris* 2009.

⁷ O Projecto *História da Ciência na Universidade de Coimbra (1547-1933)*, FCT-HC/0119/2009, sob coordenação científica de Carlos Fiolhais, trará importantes contributos a este tópico da história da cultura científica universitária.

Médico-Cirúrgica, além de uma imprensa científica especializada que complementava a que se editava em Lisboa e em Coimbra⁸.

Da investigação já realizada no âmbito do CEHFCi percebe-se a existência de uma rede de comunicabilidade entre vários membros destas instituições que participam, escrevem, organizam e deslocam-se em conjunto para missões científicas ou em delegações nacionais como representantes do Estado⁹.

Se a geografia universitária se altera substancialmente com a legislação republicana de 1911 – a que organiza a Universidade de Lisboa, de Coimbra e do Porto – o ritmo de participar e de organizar congressos – nacionais ou internacionais – apresenta-se como um traço de permanência entre a Monarquia de fim de século e a República de 1910. Assim, o denominador comum para estas ligações científicas internas tem que se procurado nas várias sociedades e academias científicas que enquadravam a comunidade científica em Portugal, inserida numa rede de trocas de práticas científicas com congéneres europeias e americanas, com antecedentes de participação em congressos temáticos, especializados e gerais por várias cidades do mundo ocidental.

Um outro aspecto relevante desta abordagem de «cientistas em acção» em congressos reporta-se às ligações existentes entre os actores sociais da ciência e a sua produção de história/memória. Em estudos anteriores do CEHFCi desenvolvemos alguns tópicos sobre a importância do Grupo Português de História da Ciência, filiado na rede internacional do Comité de História da Ciência que tinha na revista *Archeion* (1929-) o seu rosto colectivo, a identidade internacional de cientistas em acção no campo da história da ciência¹⁰. O cruzamento temático traduziu-se na realização do III Congresso Internacional de História da Ciência em Portugal, no ano de 1934, sob a coordenação científica de Joaquim de Carvalho¹¹ e com a presença de

⁸ Para uma visão de síntese de vários aspectos da história das instituições científicas em Portugal ver *História e Desenvolvimento da Ciência* 1986.

⁹ Sobre este assunto ver Fitas et al 2008; Nunes 2002, 2004, 2009; Lopes 2010; Marques 2010. Actualmente, no âmbito da preparação do I Centenário da Universidade de Lisboa, o sítio de Memória da Universidade: <http://memoria.referata.com>, sob coordenação de José Pedro Sousa Dias, permite entender que estamos perante um campo da investigação em crescimento sustentado e em rede.

¹⁰ Veja-se como obra de visão de conjunto: A. Fitas, M. Rodrigues, M. F. Nunes, 2008.

¹¹ Para além dos já referenciados em nota 9 ver ainda Simões et al 2008.

alguns dos mais reputados historiadores da ciência da época, com particular destaque para Georges Sarton, director da revista *Isis*¹².

Diríamos que congressos e história da ciência foram signos que se cruzaram desde cedo no uso da memória científica como retórica de um discurso público, como alavanca de um publicismo em favor de áreas científicas, do poder científico institucional ou da valorização do poder simbólico do Estado.

É à luz deste contexto de uso público de entendimento da ciência que consideramos de grande importância a ligação existente entre o Congresso Internacional de 1934 e o VIII Congresso do Mundo Português de 1940: *História da Actividade Científica em Portugal*, sob a organização científica de Joaquim de Carvalho¹³, o espírito de cultura científica que se vai afirmando na sociedade portuguesa ao longo da primeira metade do século XX¹⁴.

Uma ciência pela Pátria, no enunciado de Elena Ausejo¹⁵ a propósito dos Congressos Luso-Espanhóis da Associação Espanhola e Portuguesa para o Progresso da Ciência. Um movimento pendular no quadro da Península Ibérica que se iniciou em 1917 e terminou em 1974. Um movimento organizativo de congressos em prol da «boa ciência» dos países peninsulares (as duas pátrias das descobertas do mundo) que sempre envolveu instituições científicas portuguesas e espanholas – universidades, academias, sociedades científicas – a comunidade activa, a história da ciência e os Estados: Portugal e Espanha, independentes e peninsulares. Um ritmo de presenças regulares por parte da comunidade científica portuguesa e espanhola que sabiam intercalar a participação nestes rituais científicos da Península Ibérica com a prática científica dos outros *comptes rendus* internacionais, dentro e fora do território do Estado português.

Estamos, pois, perante um dos sinais idiossincráticos da sociedade portuguesa face à importância da realização e da participação em congressos – festas de ciência e festas de práticas culturais e ideológicas, eivadas de

¹² Georges Sarton, fundador da revista *Isis*, publicação de referência internacional para a «história da ciência, da tecnologia e da medicina», ainda em publicação. Sobre o seu impacto na historiografia da ciência mundial ver Dear 2009; Lightman 2009; Numbers 2009; ver Nunes 2009 sobre a presença de Sarton em Portugal, no III Congresso Internacional de História da Ciência, realizado em Portugal.

¹³ Ver Nunes 2004; Lopes 2010; para todas as referências de fonte ver *História da Actividade Científica 1940*.

¹⁴ Para uma visão de síntese ver Ribeiro 1980.

¹⁵ Veja-se Ausejo 1993 e Nunes 2002.

uma forte carga historicista na sua planificação, realização e publicitação, nacional e internacional¹⁶.

3. Ciência e República

Uns dos aspectos de grande relevância no desenrolar dos congressos são os programas sociais, as visitas turísticas e os discursos oficiais de abertura e de encerramento. Acontecimentos que são galvanizados e difundidos por via do impacto psicológico que, habitualmente, têm sobre os congressistas e acompanhantes, mas também porque são peças jornalísticas e fotográficas por excelência que se propagam pelas páginas dos jornais informativos e pela imprensa cultural e científica.

O programa científico de um congresso é habitualmente completado pelo programa social, as visitas guiadas, as excursões científicas a sítios ou museus, as recepções formais localizadas em espaços de consagração da identidade científica, mas também da identidade cultural e ideológica de quem recebe os visitantes, como o Salão Nobre de uma Universidade, a Sala de Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa ou os Paços do Concelho dos municípios de Lisboa, de Coimbra ou do Porto!

Os congressos podem, pois, ser perspectivados como mostras de construção de identidades científicas e culturais para consumo de exportação, ex-libris de síntese de vários aspectos que se pretendem valorizar conjuntamente a propósito da longa duração de 800 anos da História de Portugal. Há, pois, uma linha de investigação a não descurar que permite interceptar o turismo especializado com o turismo científico. Como instrumento aferidor encontra-se o Estado que superintende, co-organiza e financia boa parte destas actividades paralelas, por vezes tão ou mais importantes que as sessões científicas normais.

De facto, os programas sociais permitem mudar a fisionomia da cidade – *caso da colina da saúde* em Lisboa, em 1906, por ocasião do XV Congresso Internacional de Medicina, ou captar para a Sala de Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa uma multidão composta pela *entourage* da elite científica média presente em Lisboa para esse evento¹⁷. Fotógrafos, jornalistas nacionais e internacionais, publicações de sociedades médicas,

¹⁶ Para o campo da História veja-se o contributo de Fernando Catroga, Torgal *et al* 1996.

¹⁷ Ver XV Congrès International de Médecine 1906; Programme 1906.

revistas sociais e de divulgação cultural foram receptivas à cobertura do evento: da homenagem a Miguel Bombarda – alma do Congresso – à exibição de seqüências fotográficas e musicais sobre a amplitude geográfica e cultural do território do Estado português, ou seja o mosaico do espaço europeu cruzado com os espaços exóticos, distantes mas portugueses das colónias espalhadas pelo Mundo¹⁸! Assim, era possível tecer num mesmo congresso a temática colónias e África. Por um lado a medicina colonial e tropical foram secções que marcaram o tempo da modernidade científica, por outro a organização da *soirée* social para a Sala de Portugal da Sociedade de Geografia demonstra profissionalismo na construção de uma identidade cultural e científica. Sinal claro de existir um colonialismo científico a aplicar a África, traços que já eram visíveis desde 1900, num outro fórum especializado: Congresso Colonial Nacional¹⁹.

E, congressos sempre tiveram o desígnio da festa, do banquete, das senhoras acompanhantes, dos fatos de cerimónia, de rituais que faziam passar a imagem para a sociedade de momentos sagrados dos encontros internacionais e excepcionais da ciência: os Congressos Internacionais; basta olhar para algumas das reportagens realizadas na época pela revista *Ilustração Portuguesa*, de 1906 por exemplo.

¹⁸ Veja-se o detalhe do programa social da *soirée* organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, para o XV Congresso Internacional de Medicina, realizada na noite de 23 de Abril: Sociedade de Geografia 1906.

¹⁹ Ver Sociedade de Geografia 1900. Um conjunto de teses justificativas da importância da retórica científica para a prática colonial no grande laboratório de experimentações que podia ser o continente africano, sobretudo no campo dos temas médicos. Nesta organização de teses encontram-se temas como o dos climas de África em comparação com Brasil; a meteorologia nas colónias; a climatologia, a geografia médica, a demografia, a etnologia, a etnografia. Uma preocupação que vamos continuar a encontrar em 1919, ver Sociedade de Geografia de Lisboa 1919 [1920], um relatório que termina com o capítulo «Medidas de Utilidade para as Colónias». Hospital Colonial», estabelecendo-se várias ligações entre a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, o Hospital Colonial, o Instituto Bacteriológico e as missões a Londres para estudar modelos a aplicar às Colónias.

4. Ciência e Congressos no século XX: práticas científicas e práticas culturais

A investigação de levantamento de dados sobre realização de congressos internacionais em Portugal, e a participação em congressos internacionais no estrangeiro, em fase de *working in progress* tem vindo a proporcionar um conjunto de pistas e de elementos fulcrais para um novo travejamento de consciente possível da história da ciência em Portugal na viragem do século XIX. Há uma clara herança de práticas culturais e científicas associadas a congressos internacionais, como sinal inequívoco da afirmação do positivismo cientista e da profissionalização da ciência, em Portugal. Estes dados vêm por duas vias. Uma, o levantamento parcialmente já realizado da notícias científicas no jornal *O Século*, tal como já foi referenciado no início; um repositório informativo jornalístico que nos permite investir em outros periódicos, em outros arquivos e em outras direcções de fontes patrimoniais para a história da ciência. Um trajecto de articulação de investigação que sempre se cruza com as sociabilidades mundanas da Sociedade de Geografia de Lisboa, com a Universidade de Coimbra e com a comunidade científica do Porto, sobretudo da Escola Médico-Cirúrgica e Academia Politécnica, depois Universidade do Porto²⁰.

Um núcleo informativo que nos permite perceber a existência de uma tendência de participação em actividade científica em rede. O regular pontuar de referências ao binómio congressos internacionais/membros da comunidade científica portuguesa pode ser encontrado desde o último quartel do século XIX, o que nos faz perceber que estamos perante uma tendência de longa duração no âmbito da esfera pública da história da ciência em Portugal, inserida no contexto científico do seu mundo envolvente: a civilização ocidental, Europa e América, com projecção de aplicação laboratorial ao continente africano.

Porém, necessitamos de outros pontos de observação e de investigação em rede. Se tomarmos os grupos da comunidade científica em acção, ou seja em congresso, e realizarmos a sua anatomia prosopográfica verificamos que no itinerário profissional e científico dos membros individuais sempre encontramos a referência à apresentação, em tempo anterior, de uma comunicação em congresso científico, à organização ou presidência de uma

²⁰ O ponto de partida foi a bibliografia de referência portuguesa: Rosas et al 2003; Barreto et al 1999; Nóvoa 2003. Fundamental a consulta da base de dados informativa de José Pedro Sousa Dias: www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html

secção científica em algum dos muitos congressos realizados entre o final da Monarquia, a República e o Estado Novo. Linhas de continuidade e não de ruptura, o que pode evidenciar que nem sempre as cronologias políticas casam com as cronologias científicas e culturais dos regimes²¹.

A tese de mestrado em Estudos Históricos Europeus de Quintino Lopes²² permite perceber como pela via da história da ciência se podem obter novos olhares inter-relacionais sobre as permanências e as mudanças em tempos de aceleração do tempo histórico, dado que nos é permitido avaliar a textura da vida científica dos membros activos da comunidade portuguesa que em 1940 respondem à chamada de Joaquim de Carvalho, para em Coimbra apresentarem o seu contributo sobre a evolução da ciência em Portugal, leia-se desde o século das Luzes até ao momento da consagração da celebrações do duplo centenário nacional do Estado Novo. E nessa arqueologia de referências de cargos e de edições de separatas e de menções a *comptes-rendus* vamos elaborando uma base de dados relativa à participação e/ou organização de congressos internacionais. Um elemento que cruza várias gerações de diferentes formações científicas, desde os que iniciaram os seus estudos académicos ainda no consulado institucional monárquico, aos que entraram para a Universidade da República ou foram subsidiados pela Junta de Educação Nacional (criada por decreto de 16 de Janeiro de 1929) ou pelo Instituto para a Alta Cultura²³, organismo que partir de 1936 substitui a J.E.N.

Mas voltemos aos congressos internacionais, ao início de um *focus* sobre a temática.

²¹ Sobre um dos estudos de caso analisados – Cabral Moncada e a modernidade de Verney em 1940, ver Nunes 2005.

²² No VIII Congresso de Mundo Português – 1940 – a comunidade científica de Lisboa, do Porto e de Coimbra acorrem ao apelo de Joaquim de Carvalho para realizar um congresso sobre a história da Actividade Científica em Portugal. No epicentro celebrativo do nacionalismo patriótico português, Quintino Lopes realiza uma arqueologia da biografia individual de cada um dos participantes, trazendo para a discussão de trabalho os vários enquadramentos internacionais que os comunicantes portugueses, em 1940, evidenciavam, no momento da exaltação do espírito português! Ver Lopes 2009.

²³ Assunto que está a ser alvo de uma investigação interdisciplinar no CEHFCi, um projecto financiado pela FCT: HC/0077/2009 – *A Investigação científica em Portugal no período entre as duas guerras mundiais e a JEN (The Scientific Research in Portugal between two world wars and the organization of a National Board of Education [SIRNEdu])*, integrado na área científica de História da Ciência

Se Lisboa, Portugal e o Mundo científico ficou impressionado com o XV Congresso Internacional de Medicina – com uma homenagem nacional a Miguel Bombarda, impulsor do evento²⁴ – a Europa colonial e a comunidade médica fez transportar para Luanda, em 1923, as atenções da comunidade científica ao organizar o Primeiro Congresso Internacional de Medicina Tropical, com programa e discursos oficiais em português, em francês e em inglês²⁵.

Um acontecimento excepcional para Angola do início da década de vinte do século XX. Um discurso inaugural realizado pelo Alto-comissário da República e Governador-geral de Angola – General Norton de Matos – que começa por apresentar desculpas institucionais pelo facto de Luanda ainda não ter todas as condições de “civilização e de conforto” necessárias para reunir congressistas internacionais. “Nem hotéis, dignos desse nome, nem museus de arte ou de ciência, nem teatros, nem as perspectivas artísticas que nas grandes cidades majestosamente levantam arruamentos, os jardins, as fontes monumentais e as edificações majestosas [mas] Angola representa para nós portugueses, e para todo o mundo civilizado um passado de tal grandeza que deve apagar aos vossos olhos o que lhe falta ainda para vos receber como um país de prósperas civilizações”²⁶.

A *Revista Médica de Angola* (edição especial, em vários tomos do n.º 4 de 1923) cobre de modo intensivo o Congresso. Os vários momentos da componente social, as fotografias rotuladas de postal de *souvenir* que são publicadas, os discursos de honra do Governador Geral de Angola, do Presidente da Municipalidade de Luanda, bem assim como todos os outros

²⁴ Ver *Relatório 1907* – publicação que faz eco da homenagem pública a Miguel Bombarda, organizada pela comunidade médica, agradecimento pela capacidade organizativa do XV Congresso Internacional de Medicina.

²⁵ A documentação produzida por Mora 1923; Matos 1923; França 1923 indicia as várias vertentes contempladas pela realização do Congresso em Luanda. Aos objectivos científicos da Medicina Tropical juntavam-se os interesses histórico-coloniais associados ao objectivo de melhoramento e progresso científico, sanitário e médico para o continente africano. Para uma visão global do Congresso – 8 sessões – consultar a *Revista Médica de Angola* – n.º 4, Agosto, 1923 – que consagrou um número especial à realização científica.

²⁶ Matos 1923: 3. O ponto de partida para Norton de Matos abordar aos congressistas nacionais e internacionais um breve resumo histórico de Angola, ou a epopeia das descobertas marítimas portuguesas do século XV. Texto que foi publicado em português, em francês e em inglês, facto que nos permite imaginar que fossem essas as línguas falantes deste Congresso, em Luanda de 1923.

discursos protocolares, informações burocráticas sobre as representações no Congresso e, claro, os textos das comunicações. Um trabalho altamente profissional e bem organizado.

Em função do contexto africano, do traje de gala que as fotografias evidenciam, as palavras do J. Falcão Ribeiro – presidente do município de Luanda – foram curtas e eficazes, fazendo ressaltar a singeleza dos cumprimentos, mas um enorme respeito pela «qualidade dos homens de ciência e o alto fim de tão longa viagem»²⁷.

Lendo a abundante literatura que já existe disponível sobre este Primeiro Congresso Internacional de Medicina Tropical detectamos um claro objectivo em apontar caminhos de construção de símbolos de civilização e de progresso consentâneos com as origens dos vários congressistas, a par da história da epopeia dos Lusíadas, salientando as descobertas marítimas renascentistas. Uma lógica de visão do futuro para Angola que encontramos muitos ecos nas páginas da revista *Angola. Revista Mensal Ilustrada*²⁸. Talvez estratégias de divulgação articuladas, com trabalho de terreno realizado de forma organizada e consertada: o trabalho de governação de Norton de Matos, enquanto governador-geral de Angola.

Neste congresso excepcional – em termos de localização e de época – temos que dar importância ao programa social, à cobertura nacional, colonial e jornalística, aos debates científicos centrados no Estado e na Medicina Tropical: um programa de cientistas em acção para África e para Índia, onde se localizava a Escola de Medicina de Goa, sob coordenação científica de

²⁷ “Discurso do Sr. J. Falcão Ribeiro. Presidente da Municipalidade”, *Revista Médica de Angola*, nº 4, vol. I, Agosto 1923:39.

²⁸ *Angola. Revista Mensal Ilustrada*, nº 1 Fevereiro 1923 – nº 4 Abril de 1923. Publicação profundamente ilustrada, com uma periodicidade quinzenal, que evidencia os traços de progresso e de projecção da civilização ocidental na província de Angola, sobretudo em Luanda. O primeiro número de cada mês é quase totalmente dedicado à publicidade – uma fonte muito fértil para se entender os consumos, as redes de comércio e de representação comercial existentes entre a Europa e África/Angola, assim como blocos informativos sobre as facilidades e comodidades que os congressistas poderiam vir a encontrar em Luanda, e.g. operações bancárias do Banco Colonial Português, caminhos de ferro, um porto operacional em Luanda operacional, telégrafo, hotéis, máquinas de escrever Remington, ou mesmo os «Estores Confortables» e ainda «Carros de Turismo – Camionettes – Tractores – Fordson» – Ford!», cerveja Hosten, da Casa Holandesa e produtos Farmacêuticos Dantas, Valadas & C^o, Ld^a – Especialidades Farmacêuticas – Águas Minerais – Perfumarias – Produtos Químicos! Informação aleatoriamente retirada dos vários números disponíveis.

Indalêncio Froilano de Mello²⁹, figura muito presente neste congresso de Luanda, em 1923³⁰.

Esta personalidade permite-nos estabelecer o elo designado por «congresso científico» com o Estado Novo e os centenários de 1940. No VIII Congresso voltamos a encontrar Froilano de Mello³¹ como comunicante da secção de história da ciência em Portugal – Medicina, gravando a memória científica da Escola Médica de Goa. Uma comunicação assente numa cadeia de referências de percursos e de práticas de longa duração no âmbito da comunidade científica profissional em Portugal. Uma retórica independente dos suportes ideológicos que acabam por servir os seus projectos de construção de redes e de trocas de saberes em ambiente de sociabilidade científica institucional, a de excepção que se faz para além da sociabilidade científica das sociedades e academias existentes e a que quase todos os membros da comunidade científica pertenciam.

Para atrair para espaço português a realização dos congressos apontamos um outro factor endógeno da comunidade científica. As redes em que se movimentavam os seus membros, por via das sociedades a que pertenciam e das revistas internacionais em que publicavam os resultados das suas investigações, ou publicitavam os relatórios de missões científicas oficiais, com o apoio da Junta de Educação Nacional ou o Instituto para a Alta Cultura, de acordo com o tempo da realização.

5. Congressos e gerações científicas

Pretendemos com esta incursão introduzir a história da ciência no laboratório dos congressos enquanto projecto de investigação, cruzando-o quando possível com o outro projecto, já referenciado, em curso no CEHFCi: a Junta de Educação Nacional e os intercâmbios científicos na primeira metade do século XX em Portugal.

Pensamos que é possível detectar uma primeira linha de agrupamento científico e de geração que se enquadra no lema «ciência e nação». Neste grupo percebemos que se detectam áreas científicas que podem ser usadas

²⁹ Em 1923 apresenta-se como tenente coronel-médico, professor da Escola Médica de Nova Goa, director do gabinete de protozoologia e micologia do Instituto de Investigações Científicas – Luanda.

³⁰ Sobre este médico veja-se o recente contributo de Bastos 2008.

³¹ Ver Lopes 2009.

como símbolos da pátria, em acção internacional, contra periferias, mas a favor de uma centralidade colonial no planisfério! Uma aliança fácil, acarinhada e incentivada pelo Estado e pelos organizadores de congressos. Neste contexto, verificamos que medicina era uma área com poder! A urbe de Lisboa mudou, a homenagem pública a um dos futuros heróis da ciência republicana – Bombarda – a par da recuperação do património edificado onde se localizava a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, no coração da colina da saúde³²: o Real Instituto Bacteriológico, a rede de hospitais que se erguiam no pós hospital de Todos os Santos, destruído pelo terramoto de 1755! Um espaço médico-sanitário que se ergue numa das colinas de Lisboa que resistiu à catástrofe do sismo do século XVIII³³.

Neste grupo de congressos úteis à Nação e ao Estado – sob o ponto de vista da retórica e da ideologia cultural – encontram-se áreas com fortes tradições científicas internacionais na construção das nacionalidades de 1900, na Europa e na América: Arqueologia, Ciências Coloniais, Antropologia, Geologia, Ciências Naturais, Medicina e Medicina Tropical. Redutos do saber fáceis de combinar com ciência e nação, com retóricas de discurso de ciência e pátria para Portugal e colónias, envolvendo as Universidades, a Sociedade de Geografia de Lisboa, a Academia das Ciências de Lisboa e as demais instituições científicas ou os estabelecimentos e as sociabilidades militares. Se pretendermos focalizar dois membros da comunidade científica que cubram amplamente estas áreas de cientistas em acção em congressos internacionais tomamos as figuras de **Georges Zbyszewski** (Rússia; 1909 – Lisboa:1999) na centralidade de Lisboa e das Ciências Naturais e **A. A. Mendes Corrêa (Porto 1880-1960)** no epicentro da Escola Antropológica do Porto e das múltiplas relações com várias componentes culturais e científicas da sociedade portuguesa inserida num contexto europeu e internacional.

Deambular pela sua produção bibliográfica permite uma visita de repositório informativo incontestável da capacidade de dinamismo de cientistas em acção nos congressos internacionais de vários saberes em rede, em diferentes sociabilidades científicas institucionais.

Em todas estas áreas propiciadoras de realização de congressos encontramos, sempre, uma trave comum para a utilidade social e nacional da ciência

³² Ver o papel do Real Instituto Bacteriológico/ Instituto Câmara Pestana em Marques 2010.

³³ Como modelo operativo que permite estabelecer uma ligação cultural e científica entre a organização do espaço urbano e a instalação de instituições científicas e melhoramentos tecnológicos ver Lafuente *et al* 1998 e Saraiva 2006.

cia internacional em Portugal, desde o final da Monarquia, atravessando a República e instalando-se no Estado Novo.

Segundo grupo da nossa dicotomia – pela ciência internacional sem apego à Pátria Nação.

Mas, neste núcleo o suporte científico para um potencial desenvolvimento tecnológico e material da Nação esteve ausente da aparente febre congressista internacional realizada em Portugal.

Uma constatação dos dados até agora apurados e dos estudos já realizados sobre história da ciência em Portugal: a Matemática, a Física, a Química enquanto áreas de congressos internacionais não têm lugar no espaço português. Todavia, ressaltam no palco internacional o itinerário de Francisco Gomes Teixeira (1851-1933)³⁴, mas também o de Ferreira da Silva (1853-1923) e o de Virgílio Machado (1859-1927). Constam das suas biografias científicas a regular participação activa em congressos e internacionais não realizados em Portugal. Talvez para contrabalançar este facto têm uma forte participação na produção da história / memória da ciência em Portugal que se enquadra num contexto de internacionalização, como sucedeu em 1934. Tópico para reflectir em função dos projectos activos no CEHFCi, em função dos laboratórios de investigação destas áreas e da construção das suas identidades científicas, de modo a podermos depois confrontar com a identidade científica dos engenheiros civis³⁵.

Estes dados integram uma parte da arquitectura científica do Physis-CEHFCi³⁶, a que neste momento se encontra a trabalhar no quadro global e comparativo da história da ciência na primeira metade do século XX. Como eixos do nosso trabalho, articulado a partir das práticas científicas dos congressos internacionais, podemos apontar os seguintes tópicos: os congressos e cientistas em acção, as formas de público entendimento da ciência e a sua cobertura pela imprensa informativa; os congressos como construção da profissionalização e da identidade científica; por outro lado importa perspectivar os congressos e colónias, sobretudo os aspectos do cientismo e da

³⁴ Ver Guimarães 1914.

³⁵ Sobre a identidade e a circulação de engenheiros na história da ciência em contexto ver Matos *et al* 2007 com importante acervo bibliográfico actualizado sobre o assunto

³⁶ Um rosto colectivo em acção: Maria de Fátima Nunes, Augusto Fitas, Margaret Lopes, Madalena Esperança Pina, José Pedro Sousa Dias, João Paulo Príncipe, Jorge Rivera, João Carlos Brigola, Mariana Valente, a bolsista pós-doc Emília Gomes, o bolsista de investigação Quintino Lopes, e Elisabete de Jesus, estes últimos alunos do Programa de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência, na Universidade de Évora.

modernização. Por último salientamos o uso público dos congressos pelo Estado na República e no Estado Novo, assim como o estudo do empenhamento social dos cientistas em contextos ideológicos diversos.

Uma agenda de investigação articulada que promete prosseguir e divulgar resultados nos próximos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angola 1923, *Revista Mensal Ilustrada*, Luanda, Fevereiro-Abril (quinzenal).
- Ausejo Elena 1993, *Por la ciencia y por la patria: la institucionalización científica en España en el primer tercio del siglo XX. La Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid E. Siglo XXI.
- BARRETO, A., Mónica, M. F. (coord) (1999), *Dicionário de História de Portugal*, (vols. VII, VIII e IX). Lisboa, Ed. Figueirinhas.
- BASALLA, George (ed.) 1968, *The Rise of Modern Science: External or Internal Factors?*, Lexington, Mass Ed. D. J. Heath.
- BASALLA, Georges 1988, *The Evolution of Technology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BASTOS, Cristiana 2008, «From India to Brazil, with a microscope and a seat in Parliament: the life and work of Dr. Indalêncio Froilano de Melo», *HoST: Journal of History of Science and Technology*, 2: 139-189.
- CARVALHO, Augusto da Silva 1929, *Elogio do professor Virgílio Machado, lido em sessão plenária da Academia de Ciências de Lisboa*, realizada em 20 de Dezembro de 1928, Lisboa, Comp. Imp Tipografia Ingleza.
- Congresso Nacional de Medicina* 1896, Lisboa, Imprensa Nacional.
- DEAR, Peter 2009, «The History of Science and the History of the Sciences George Sarton, *Isis*, and the Two Cultures», *Isis*: 100: 89-93.
- FITAS, A., Nunes, M. F., Rodrigues, M., 2008, *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*, Lisboa [Casal de Cambra], Ed. Caleidoscópio.
- FOX, R. 2006, «Fashioning the discipline: History of Science in the European Intellectual Tradition», *Minerva* 2006, 44: 410-432.
- FRANÇA, Carlos 1923, *Primeiro congresso de Medicina Tropical da África Ocidental. Sessão de 23 de Julho de 1923. Discurso de encerramento*, Loanda, Imprensa Nacional de Angola.
- GUIMARÃES, Rodolfo 1914, *Biografia de Francisco Gomes Teixeira*, Sep. «História e Memórias da Academia das Ciências de Lisboa» – nova série, 2.ª classe, ciencias morais e políticas, e belas artes (XII, parte II – n.º 4), Lisboa, Imprensa Nacional.

- História da Actividade Científica Portuguesa* 1940. *Discursos e Comunicações Apresentadas ao VIII Congresso do Mundo Português*, vols. XII, XIII, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários.
- História e Desenvolvimento da Ciência* 1986, em *Portugal até ao século XX*, Vol. I e II, Lisboa, Ed. Academia das Ciências de Lisboa.
- LAFUENTE, A., Saraiva, T. 1998, *Guía del Madrid científico: ciencia y corte Madrid*, Madrid, Doce Calles.
- LIGHTMAN, Bernard 2009, «FOCUS: 100 VOLUMES OF *ISIS*: THE VISION OF GEORGE SARTON – Introduction», *Isis*: 100:58-59.
- LOPES, Quintino Manuel Junqueira 2009, *Portugal 1940 A Internacionalização dos Cientistas do VIII Congresso do Mundo Português*, Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, (orientação M. Fátima Nunes), Universidade de Évora.
- MARQUES, Alexandra Isabel Gomes 2010, *O tratamento Anti-Rábico e a Criação do Instituto Bacteriológico em Lisboa*, Dissertação de Mestrado em História das Ciências da Saúde (orientadores J.P.S. Dias/M.F. Nunes), Faculdade de Farmácia – U.L.
- MATOS, A.C., Diogo, M.P. 2007, «Bringing it all back home: Portuguese engineers and their travels of learning (1850-1900)», *HoST: Journal of History of Science Science and Technology*, Vol. 1, Summer: 155-182.
- MATOS, Norton de 1923, Província de Angola. Alto Comissariado da República. *Discurso proferido pelo General N.M., Alto Comissário da República e Governador Geral de Angola, em 18-7-1923, na sessão solene do 1.º Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental. Com um resumo histórico sobre Angola (original e tradução francesa e inglesa)*, Loanda, Imprensa Nacional.
- MIRANDA, Augusto[1914], *Relatório apresentado à Academia de Ciências de Portugal em sessão de 13 de Março de 1914 sobre o Congresso Internacional de Medicina de Londres*, Lisboa, Tipografia Cooperativa Militar.
- MONTEIRO, Arlindo Camilo 1928, *O Professor Vergílio Machado*, Separata do Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (Julho), Tipografia do Comercio.
- MORA, A. Damas 1923, *Premier Congrès de Médecine Tropical de l'Afrique Occidentale, La raison d'être des Congrès de Médecine dans l'Ouest Africain. Allocution prononcée (sic) par ... à la séance inaugurale du Premier Congrès de Médecine Tropicale, présidée par Son Excellence le Haut Commissaire de la République General José Mendes Ribeiro Norton de Matos*, Loanda, Imprensa Nacional de Angola.
- NÓVOA, António (Dir) 2003, *Dicionário de Educadores Portugueses*, Lisboa, Ed. Asa.

- NUMBERS, Ronald L. 2009, «The American History of Science Society or the International History the Fate of Cosmopolitanism since George Sarton», *Isis*, 100: 103-107.
- NUNES, Maria de Fátima [2002], «O público entendimento da ciência nos congressos da associação para o progresso das ciências: Portugal e Espanha. Estratégias e realidades institucionais», *Revista População e Sociedade*, 8: 231-244
- NUNES, Maria de Fátima 2004, «The History of Science in Portugal (1930-1940): «The sphere of action of a scientific community. e-JPH», vol. 2:2, Winter.
- NUNES, Maria de Fátima 2005, «Verney e Moncada em 1940: em busca de uma (nova) modernidade de cultura científica para Portugal?», *Luís António Verney – percursos para um verdadeiro método de estudar*, Évora, Anais da Universidade de Évora: 101-103.
- NUNES, Maria de Fátima, 2009, «O III Congresso Internacional de História da Ciência. Portugal, 1934. Contextos científicos, contextos culturais e políticos», *Caminhos de Cultura em Portugal* (coord. Fernando Machado), Braga, Ed. Húmus: 130-160.
- NUNES, Maria Helena Duarte Souto 1999, *Arte, tecnologia e espectáculo Portugal nas grandes exposições, 1851-1900*, Tese Mestrado. História da Arte Contemporânea (Sécs. XVIII-XX), Universidade Nova de Lisboa.
- OSÍRIS 2009, *National Identity. The role of science and Technology* (ed. Carol E. Harrison/Ann Jobson). 24.
- PEREIRA, A. Cardoso 1898, *O primeiro congresso nacional de Medicina*, Publicações da Sociedade União Médica do Porto, Porto, Imprensa Portuguesa.
- PESAVENTO, Sandar Jatahy 1997, *Exposições universais: espectáculos da modernidade do século XIX*, S. Paulo, Editora Hucitec.
- Primeiro Congresso 1922, de Medicina Tropical da África Ocidental, a realizar em Angola, na cidade de Loanda nos dias 16 a 23 de Julho de 1923, sob o patrocínio e a presidência de honra de General José Mendes Ribeiro Norton de Matos, Alto comissário da República em Angola. Regulamento e Programa do Congresso, compreendendo o decreto n.º 214 de 13 de Dezembro de 1922, a circular de convite, pormenores de organização e outras informações de interesse para os congressistas*, Loanda, Imprensa Nacional e Angola.
- Programme 1906, XV Congrès International de Médecine et Chirurgie Lisbonne 19-26 Avril Renseignements utiles à MM. Les Congressistes*, Paris, Librairie Médicale et Scientifique Jules Rousset.
- Relatório 1907, e contas da comissão que tomou a seu cargo a homenagem ao Prof. Miguel Bombarda pela organização do XV Congresso Internacional de Medicina realizado em Lisboa*, Abril 1906, Lisboa, Officina Typographica.

- Revista Médica de Angola 1923*, Numero Especial Consagrado ao Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental – n.º 4, Agosto, I, II, III, IV fascículos.
- RIBEIRO, Orlando 1980, *Joaquim de Carvalho, personalidade e pensamento*, Sep. Biblos, 56.
- ROSAS, F., Brito, B. (dir.), 2003, *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. I, II, Lisboa, Ed. Bertrand.
- SARAIVA, Tiago 2006, *Ciencia y ciudad: Madrid y Lisboa, 1851-1900*, Madrid, Editora Centro Cultural del Conde Duque.
- SILVA, Ana Paula Lopes da 2000, *Portugal nas Exposições Internacionais Coloniais e Universais 1929-1939: retórica científica e tecnológica*, Dissertação Mestrado História e Filosofia das Ciências, FCT-UNL.
- SIMÕES, A., Carneiro, A., Diogo, M. P. 2008, «Perspectives on contemporary history of science in Portugal» *Nuncius*, 22 (2): 237-263
- Sociedade das Sciencias Médicas de Lisboa (1822-1922)*, 1927, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Sociedade de Geografia de Lisboa 1900 Congresso Colonial Nacional. Theses*, Lisboa, Typ. Companhia Nacional Editora.
- Sociedade de Geografia de Lisboa 1900, Congresso Colonial Nacional Theses*, Lisboa, Typ. Companhia Nacional Editora.
- Sociedade de Geografia de Lisboa 1906, Soirée dediée ai XV Congrès International de Médecine le 23 Avril 1906 à 9 heures*, Lisboa, Centro Typ Colonial.
- Sociedade de Geografia de Lisboa 1919 [1920], Questões Coloniais e Económicas. Conclusões e Pareceres. 1913-1919*, Lisboa, Tipografia Militar.
- TORGAL, L.R., Mendes, J. A., Catroga, F, F. 1996, *História da História em Portugal sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- XV Congrès International de Médecine 1906, Bulltein Officiel*, n.º 1-15, Lisbonne, Typ. Livraria Ferin, Adresse: Lisbonne, Hôpital de Rilhafolles.
- SILVA, Ana Paula Lopes da 2000, *Portugal nas Exposições Internacionais Coloniais e Universais 1929-1939: retórica científica e tecnológica*, Dissertação Mestrado História e Filosofia das Ciências, FCT-UNL.